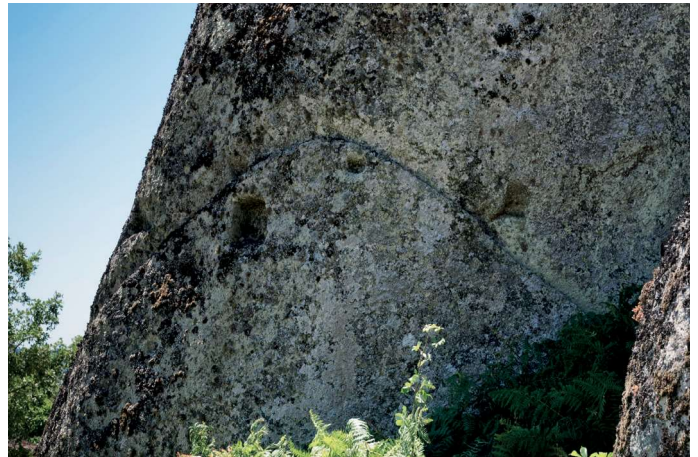




Cisterna do interior da fortificação



Vestígios de estruturas marcados na penedia

classificados como Monumento Nacional pelo Decreto n.º 21.354, publicado no Diário do Governo, I Série, n.º 136, de 13 de junho de 1932.

Entre os anos de 1942 e 1944 o castelo foi objeto de trabalhos de consolidação e restauro realizados pela DGEMN, que implicaram o apeamento e reconstrução das muralhas e também trabalhos de movimentação de terras.

O projeto de requalificação do centro da povoação que tem vindo a ser implementado e os trabalhos arqueológicos que se encontram em desenvolvimento, têm permitido ampliar significativamente o conhecimento sobre o núcleo sepulcral associado à igreja de Santa Marinha.

Texto: CG - Fotos: CG/JNG

Bibliografia

ALMEIDA, J., 1945, pp. 348-351; AMARAL, M.A.A., 2001, pp. 129-138; BARBOSA, P.G., 1998, pp. 200-212; BARROCA, M.J., 1990-91, p. 95; BARROCA, M.J., 1992a, pp. 73-74; BARROCA, M.J., 2000e, pp. 216 e 219-221; BARROCA, M.J., 2003a, pp. 26, 99; BARROCA, M.J., 2004, p. 190; BOISELLIER, S., 2012, p. 172; BROOKES, S. *et alii*, 2017, p. 222; DIAS, J.J.A., 1982, pp. 118 e 176-177; DIAS, L.F.C., 1961-69, II, pp. 47-48; FIGUEIREDO, J., 1964, pp. 285-294; GEPIB, 1935-60, XVII, pp. 861-863; GOMES, P.D., 1993, pp. 172-173; GOMES, P.D., 2013, pp. 36-38; GOMES, R.C., 1996, p. 57; LEAL, A.S.B.P., 1873-90, V, pp. 548-549; LOBÃO, J.C. e FERREIRA, M.C., 2016, pp. 11-33; LOBÃO, J.C. *et alii*, 2017, pp. 9-27; LOPES, I.A.J., 2002, I, n.º 45, pp. 43-47; MARTÍN VISO, I., 2016, pp. 874 e 882-883; MEM. PAROQ. 1758 (2013), pp. 568-569; PMH, LEGES, pp. 436-439; PMH, LEGES, 2017, doc. n.º 37 (1157-1169, dezembro) e doc. n.º 140 (de 1217), pp. 101-104 e 473-474; PMH, LM, doc. n.º 3 (de 960, julho, 13) e doc. n.º 45 (de 1059); REIS, A.M., 2015, pp. 343 e 409-410; SIPA; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 2007, p. 868; TENTE, C., 2010, p. 204; VENTURA, L., 1992, II, p. 1024.

Igreja de Santa Marinha

O ENQUADRAMENTO da igreja de Santa Marinha de Moreira de Rei é rural, encontrando-se na zona periférica de um pequeno povoado. A igreja ergue-se sobre afloramento granítico, a meia encosta e no sopé do castelo. Envolve a igreja uma necrópole de sepulturas escavadas em afloramentos graníticos. Conforme nos indica Mário Barroca, o adro desta igreja está polarizado por um dos mais importantes cemitérios de sepulturas ruprestres portuguesas, compreendendo numerosos sepulcros de adultos e crianças, alguns deles estruturados nos mais claros exemplos de "núcleos familiares" que conhecemos em território português. Nesta vila localizava-se o castelo de Moreira de Rei erguido na primeira metade do

século X. A primeira referência a esta fortificação data do testamento de D. Châmoa Rodrigues, doado juntamente com outros castelos da Beira ao mosteiro de Guimarães, em 960. Em 1055, a localidade de Moreira de Rei foi tomada pelo rei Fernando Magno quando procedeu à reconquista da região.

Como nos dá a conhecer Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a igreja de Moreira de Rei, sendo um dos edifícios mais antigos da região de Moreira, ficou conhecida como "igreja velha". Além disso, e como o indica, a localidade continuou na posse dos nossos primeiros reis e tornou-se num importante núcleo de povoamento, de defesa e de administração na mancha fronteiriça da área de



Vista da igreja de Santa Marinha a partir do castelo de Moreira de Rei

Trancoso e da Guarda. Entrou no domínio dos Bragançons e após o século XII é, portanto, do domínio da Coroa.

A localidade de Moraria teve o seu primeiro foral concedido por Fernando II de Leão, em 1161, o qual foi confirmado pouco depois por D. Afonso Henriques. A designação Moreira de Rei terá sido adotada após a estadia aí de D. Sancho II, no ano de 1247, no seu caminho para o exílio em Toledo.

Foi vila e sede de concelho entre o século XII e 1836. Em 1855, o concelho foi extinto e integrado em Trancoso.

No arceprelado de Trancoso localizava-se Moreira de Rei, que era do bispado de Viseu. Tinha duas paróquias: Santa Maria, abadia da apresentação do padroado real, e Santa Marinha, vigairaria da Coroa.

A igreja de Santa Marinha de Moreira de Rei terá sido edificada se não ainda no século XII, já no início do século XIII. No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis, em 1320, com vista a obter financiamento para a Cruzada, a igreja de Santa Marinha de Moreira, na diocese de Viseu, foi taxada em 120 libras, o valor mais elevado no contexto das igrejas da terra de Moreira, onde apenas se contabilizavam cinco templos. A igreja de Santa Maria foi, por sua vez, taxada em 80 libras.

Em 1516 foi instituída como comenda da Ordem de Cristo. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*,

redigido em 1563 por Pedro Álvares Seco, Santa Marinha de Moreira era uma das comendas novas das 50 do padroado real no bispado de Viseu. À data da sua avaliação, em 1545, rendia 85 000 reais e o seu comendador era Fr. D. Henrique de Noronha.

Por ocasião dos registos das Memórias Paroquiais de 1758, o cura da igreja de Santa Marinha começa por dizer que a igreja era um templo muito antigo "tem as paredes munto fortes que parece foram fabricadas com a melhor ideia, tem a pedra munto dura a que chamam dente de cavallo. Tem a mesma igreja dous signos do melhor metal", acrescentando, porém, que um estava quebrado. Lamenta também que a igreja estivesse mal servida de paramentos para as celebrações litúrgicas "porque todos são munto antigos". A igreja localizava-se dentro de muros, na praça da vila. Tinha três altares e um coro "ja antiguo que está por instantes cahindo".

Com uma escala muito contida, a igreja de Santa Marinha de Moreira de Rei compõe-se de nave única e cabeceira retangular. De notar um ligeiro desvio no eixo desta última, para norte, talvez por forma a superar constrangimentos de natureza topográfica. A cabeceira é mais estreita e mais baixa que a nave, tendo sido, tal como esta, edificada em aparelho de granito pseudo-isódomo de boa qualidade. Alguns dos silhares são siglados. A cobertura

*Alçados este e sul*

dos dois corpos é de duas águas, sendo interiormente em madeira. Convém referir que a planimetria da época românica, tardia, se conserva sem que se tenha acrescentado qualquer capela ou sacristia. Tal facto pode ser explicado pela edificação, em época mais recente, de uma outra igreja no povoado, dedicada a Santa Maria e que cedo passou a cumprir a função de paroquial. Esta última surge já mencionada no catálogo das igrejas de 1320, taxada em 80 libras. Muito transformada na época moderna tem uma origem medieval, tardia, que poucos testemunhos comprovam.

Respeitando a orientação canónica medieval, a igreja de Santa Marinha foi seguramente edificada numa cronologia avançada dentro do românico português. Carlos Alberto Ferreira de Almeida propõe que a sua fábrica date da primeira metade do século XIII. O seu programa é contido e marcadamente regionalizado, corroborando como o formulário do românico resistiu no tempo longo através da atuação de canteiros locais. As soluções adotadas ao nível dos cachorros e dos portais confirmam-nos.

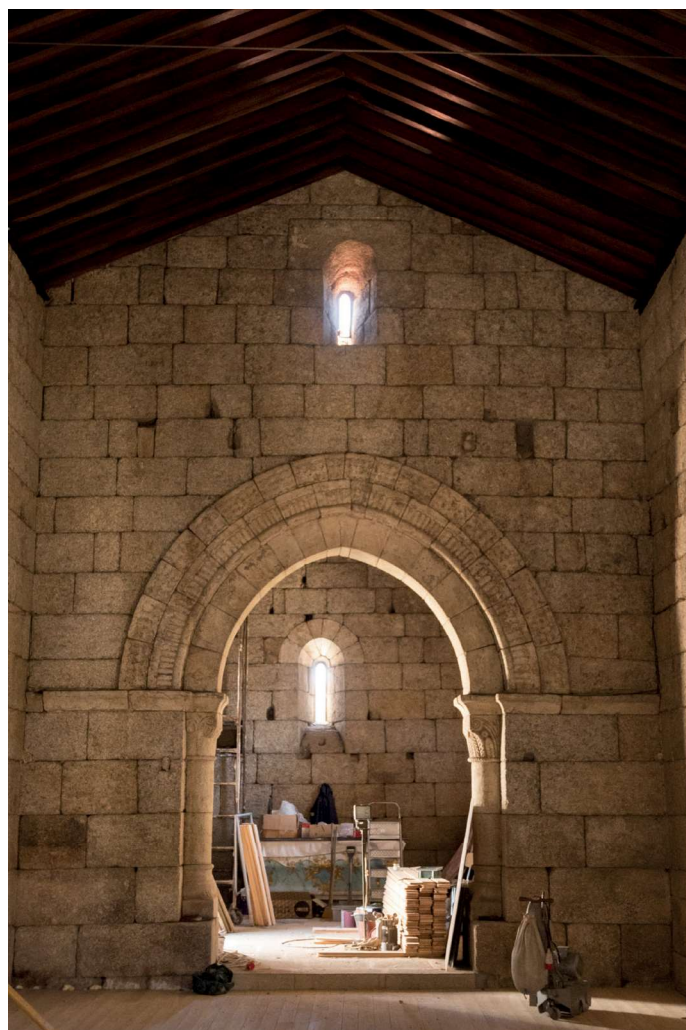
A cabeceira tem a sua parede este praticamente cega. Rasga-a uma estreitíssima fresta, quase impercetível atendendo à sua escala. O alçado sul da igreja, confinante com a necrópole escavada no afloramento granítico, prima pela contenção dos seus elementos. A cabeceira, apesar de ter sido dotada com janelão retangular gradeado, aberto em época posterior à da sua edificação, é apenas animada pela presença de uma cachorrada, lisa e de recorte retangular, que sustenta uma cornija relativamente profunda. O mesmo modelo de cachorros repete-se no alçado da nave, que duas estreitíssimas frestas rasgam permitindo a iluminação da nave a partir do lado sul. Atente-se que um dos cachorros indicia ter sido esculpido com algum motivo decorativo de difícil leitura por força do desgaste que, entretanto, sofreu. Quatro mísulas sustentaram uma desaparecida estrutura alpendrada e esta, por sua vez, abrigava um portal inscrito ao nível do alçado. Apoiada sobre os pés-direitos do muro, uma arquivolta de volta perfeita à face do muro coroa-o. O espaço destinado ao tímpano encontra-se

*Alçado ocidental*

preenchido por um conjunto de silhares que, em vez de serem sustentados por um único lintel, são antes suportados por um conjunto de silhares com orientação vertical e configurando verga reta, claro indício de remeximento da estrutura original. Desenhou-se, assim, um remate distinto e curioso no contexto da arquitetura desta época. O portal encontra-se sobrelevado relativamente ao adro, sendo o desnível compensado pela existência de dois degraus de cantaria.

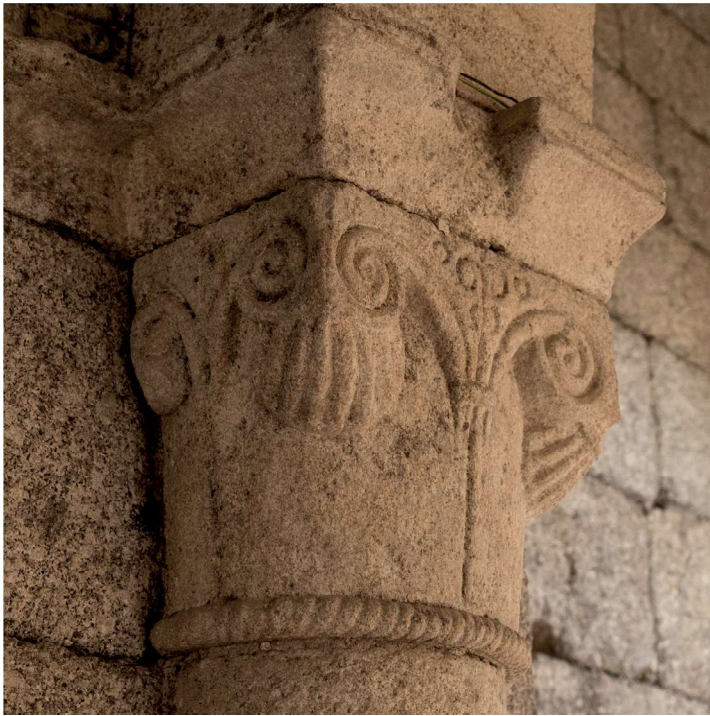
O alçado norte é em tudo semelhante ao do lado sul. Devemos apontar uma transformação posterior. Na cabeceira foi rasgado um pequeno portal de verga reta e que permite o acesso à abside a partir do exterior.

O alçado oeste da igreja é dominado pelo portal. Composto por três arquivoltas inscritas na espessura do muro, este ganha assim alguma profundidade. As arquivoltas apresentam aduelas lisas e acolhem um tímpano também liso que, suportado por lintel, encontra repouso nas mísulas que também sustentam a arquivolta interior. Às

*Interior. Perspetiva geral a partir de oeste*

outras duas correspondem colunas de fuste cilíndrico, muito embora as do lado norte tenham desaparecido. Conservam-se os seus capitéis já goticizantes pela forma como se concebeu o seu cesto. Idênticos em ambos os lados do portal, apresentam motivos fitomórficos e concheados, numa composição que vamos ver repetir-se no capitel do lado do Evangelho do arco triunfal.

Embora não afeto ao culto, o interior da igreja conserva a sua linguagem primitiva. Afirma-se o granito das cantarias. Na parede fundeira da abside rasga-se uma fresta com alargamento significativo para o interior da igreja, iluminando-a a partir de este. Também sobre o arco cruzeiro uma fresta semelhante ilumina a nave. São simples e isentas de elementos decorativos. Apenas o arco triunfal mereceu um cuidado especial ao nível da elaboração e sua ornamentação. Uma arquivolta lisa, enformada por aduelas bem esquadriadas, é suportado por duas colunas de tambores com seus capitéis. Robustos e mais quadrangulares, logo de feitura anterior aos do portal principal, estes



Interior. Capitéis do arco triunfal



apresentam no lado do Evangelho um esquema semelhante ao dos capitéis do portal principal e no lado da Epístola vemos motivos vegetalistas, como as palmetas simplificadas e enrolamentos, configurados a partir de um talhe turgido. No colarinho vemos o tema do encordoado. As impostas são lisas, mas com ressalto, e prolongam-se ao modo de friso na parede fundeira da nave. Esta arquivolta é envolvida por duas outras e que através da imposta se apoiam nos pés-direitos do muro, inscrevendo-se no seu alçado. Na arquivolta interna vemos, rematado por toro, um motivo que se aproxima daquilo que Joaquim de Vasconcelos definiu como “arcos entrançados. Lavor *en corbeille*; derivação da *natte treillis*; *mat-work*. No seu início é o motivo prehistórico da trança (*natte*)”, com o nº39 no seu inventário de motivos decorativos românicos. Na arquivolta exterior quatro meias esferas, pontuadas por pérolas, enformam um friso contínuo com desenvolvimento perpendicular às aduelas.

Edificada na passagem do século XII para o XIII, a igreja de Santa Marinha de Moreira apresentava um estado avançado de ruína quando Alexandre Herculano a visitou em meados do século XIX. Segundo Herculano, na versão publicada por Pedro de Azevedo, “na igreja de Santa Marinha nos fustes das columnatas que sustentam o arco do portal estão gravadas as medidas de palmo, covado, vara e alquiez. Tanto esta igreja como a ermida de S. Vicente, ambas abandonadas e já sem tecto, são claramente do séc. XIII”. Em 1932, a igreja de Santa Marinha de Moreira de Rei

foi classificada como Monumento Nacional, numa classificação que engloba igualmente “as sepulturas que nela se encontram, o castelo e o pelourinho existentes na mesma vila” e atestando quão importante é este sítio patrimonial. A historiografia dedicada ao românico tem sido omissa quanto ao valor artístico deste edifício, referindo-se a este apenas pela importância histórica que assume na sua relação com a necrópole e o castelo. Na segunda metade do século XX, recebeu obras de conservação e restauro.

Texto: MLB/JL - Fotos: CG/JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 111; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 130; AZEVEDO, P., 1914, pp. 419-420; BARROCA, M.J., 1990-91, p. 95; BOISSELLIER, S., 2012, p. 172; GEPIB, 1935-60, XVII, pp. 861-863; GOMES, J.P., 1981, pp. 76, 106 e 408; LENCART, J., 2018, p. 471; MEM. PAROQ. 1758 (2013), pp. 567-569; MOREIRA, L.A.S., 2017, pp. 52 e 71; PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA; VASCONCELOS, J., 1918, pp. 71-72.